



CADERNO DE RESUMO • SEMINÁRIO

PROJETO
MEMÓRIA

Lélia Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



Realização:



Parceria:





PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas

✓ **Belém**

Porto Alegre

Rio de Janeiro

São Luís

Brasília

Salvador

Belo Horizonte

**20 de maio
a 29 de junho
de 2025**

Espaço
São José
Liberto



1º DIA – 20·MAIO·2025

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas” Belém, PA

Mediadora
Vanusa Cardoso



Liderança Espiritual do Território do Abacatal, Mãe, Avó, Cientista Social, Bacharel e Mestranda em Antropologia, cofundadora do coletivo Frente em Defesa dos Territórios, estou na Comissão de Gênero da Universidade Federal do Pará e estou Coordenadora de Políticas para Igualdade Racial no Município de Ananindeua.

Convidada
Jurema Batista



Professora, formada em Português - Literatura, com especialização em Políticas Públicas pela UFRJ. Foi eleita por 3 vezes vereadora, além de ter sido a primeira deputada estadual negra do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, sempre lutou em defesa das populações desfavorecidas, trabalho este que atravessou fronteiras, sendo reconhecida pela ONU, com indicação ao Prêmio Nobel da Paz de 2005.

Convidada
Zélia Amador de Deus



Artista, professora e referência na luta antirracista. É Professora Emérita da UFPA e atua na promoção das políticas afirmativas e das culturas afro-diaspóricas. Co-fundadora do CEDENPA e do primeiro NEAB da região Norte, integra conselhos nacionais de igualdade racial.

PAINEL I

A Luta Antirracista e Antissexista de Lélia Gonzalez

FALAS DE ABERTURA



Julia Martins (Mestre de Cerimônia): Olá. Muito boa noite a todos e todas. É interessante ver que um espaço tão bonito, São José Liberto está acolhendo esse evento.

É Salve, salve, galera. Licença pra chegar. Eu sou Júlia Martins e vou tá conduzindo essa cerimônia junto com vocês.

É uma grande satisfação dar início a esse projeto com o tema “Memória Lélia Gonzalez - Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”, na Amazônia. A gente tem que cada vez mais de celebrar a memória e o legado de mulheres negras. E Lélia Gonzalez tem uma contribuição inestimável pra nossa sociedade. Nós gostaríamos de expressar profunda gratidão pela presença de cada um e de cada uma. E pra começar nossa jornada de hoje, nós vamos exibir o vídeo institucional que apresenta o “Projeto Memória Lélia Gonzalez” e, logo depois, nós teremos o prazer de assistir o vídeo documentário que aborda a trajetória da Lélia Gonzalez.

Viva Lélia Gonzalez! Eu espero que todos tenham sentido a potência que foi essa mulher.

O “Projeto Memória”, é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. A Fundação Banco do Brasil, instituída em 1985 pelo Banco do Brasil, tem em sua nova estratégia o propósito de promover caminhos, caminhos para a transformação social e

relação sustentável com a natureza. E a realização do projeto em homenagem à Lélia remete aos princípios de respeito cultural e ao valor da diversidade. A temática trabalhada na obra de Lélia abrange questões essenciais a grupos integrantes dos públicos priorizados pela Fundação do Banco do Brasil. Antes de iniciar o nosso diálogo de hoje, nós gostaríamos de agradecer. Agradecer à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia, por meio do Espaço São José Liberto; à Secretaria de Estado de Educação do Pará; e ao Instituto Memorial Lélia Gonzalez pelo valioso apoio ao “Projeto Memória”. Eu confesso que eu tô muito honrada de poder fazer isso. E aí, quebrando alguns protocolos, eu, enquanto mulher negra, tive acesso à obra de Lélia na minha graduação. Entender o meu lugar enquanto mulher negra foi, sem dúvidas, baseado nos escritos de Lélia. E poder chamar agora, pra fazer uma breve fala, dessa pessoa que herdou esse berço de luta é um momento muito potente pra mim.

Nós convidamos agora, pra fazer uma breve fala, o filho da nossa homen

te da Fundação Banco do Brasil e ele veio com uma surpresa maior, dizendo que a FBB ia revitalizar o projeto.

E aí, deu nisso aqui.

Com a ajuda apoio da AACIC, eu tive oportunidade de percorrer todas as capitais por onde o projeto passou o Seminário. Conheci e reencontrei pessoas. E particularmente agora, aqui no Pará, na capital Belém, tem um significado muito grande: porque Belém, capital do Pará tem uma importância enorme no desenvolvimento desse país. Na questão cultural, na questão econômica, na questão de tecnologia também. Então assim, eu tô muito feliz com o meu povo quilombola, indígena, de onde venho, e encontrar e conhecer pessoas. Enfim. Então, gente, eu só tenho a agradecer à AACIC; à Fundação Banco do Brasil. Eu não vou falar nominalmente, que eu já... algumas coisas eu esqueço, pra não ficar... pra não ferir [inint] [00:38:25]. Então, eu prefiro falar em nome da PJ. Mas assim, eu vejo... é legal de poder compartilhar esse momento, com todas essas pessoas.

Lélia foi uma pessoa que lutou junto com outras mulheres, como Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Neusa Santos, enfim. E uma coisa que é muito interessante, que eu sempre tive como referência... tudo que minha mãe produziu, ela tinha como referência a família dela e, principalmente, a minha avó. Uma baixinha, indígena, mãe de 18 filhos, que somente 13 vingaram, que se juntaram pra criar Lélia.

A vovó percebeu o talento de Lélia e dizia: “pô, tem que dar linha na pipa dessa menina”, senão seria como as outras, que por várias situações, não chegaram aonde queriam chegar, como muitas têm que parar no meio do caminho.

Mas Lélia foi à luta, conseguiu, e eu vou finalizar dando uma notícia pra vocês: Saiu essa semana, vai ser no próximo mês, Lélia Gonzalez foi aclamada com o título Doutora Honoris Causa, da Universidade de Brasília. Eu, como filho, tô muito orgulhoso. Minha família, meus filhos. Mas o que eu acho mais importante é que esse prêmio não é de Lélia. É das mulheres

pretas. Que são protagonistas. Eu sou um homem porque uma mulher preta me teve, me criou.

A importância da mulher preta no Brasil... eu digo isso como economista também. Conheci, estudei a fundo. Então assim, é muito legal saber que vocês que estão aqui fazem parte dessa premiação, fazem parte dessa luta. Uma luta árdua, tão desigual, mas vocês não vão deixar a peteca cair. Gente, boa noite. Valeu, mãe. Lélia Gonzalez vive.

Julia Martins (Mestre de cerimônia): Ainda no momento de falas, nós gostaríamos de convidar a representante da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, senhora Márcia, pra fazer uma breve fala pra gente essa noite. Bem-vinda.

Nós funcionamos com uma diretoria, cujo presidente atual, meu marido, José Alberto Melo Silva, o tesoureiro Marconi Scarinci, e a secretária-executiva Dulcinéia Miranda, além de um grupo de associados da qual eu faço parte.

Com a nossa sede em Brasília, já realizamos projetos, além do Distrito Federal, no Paraná, Rio Grande do Sul, Ceará, Alagoas, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão e Pará. Se alguém tiver interesse, quiser passear pelo nosso site, www.aacic.com.br.

Para nós, é uma honra realizar esse projeto em parceria com a Fundação Banco do Brasil, por ser sobre o legado da pensadora e militante Lélia Gonzalez. O resgate, a preservação e a multiplicação do pensamento de Lélia é imprescindível para continuarmos a enfrentar o racismo e a promover a igualdade racial.

Lélia, como uma das grandes intérpretes do Brasil, foi a primeira autora a defender a articulação entre as relações raciais, as relações de gênero e as relações de classe para compreender o capitalismo dependente, construído a partir da colonização portuguesa, que matou povos indígenas, expropriou recursos naturais e produziu a tragédia na escravidão. Portanto, o legado de Lélia Gonzalez nos provoca a pensar e agir sob o olhar contracolonial para que, efetivamente, o nosso país supere as desigualdades de renda, raça e gênero. Bom seminário. Viva Lélia.

Júlia Martins (Mestre de cerimônia): Obrigada. Esperamos que vocês tenham boas lembranças aqui de Belém durante a passagem. Continuando, nós gostaríamos de convidar a Secretária de Estado de Igualdade Racial e Direitos Humanos, a senhora Edilza Fontes, representando o excelentíssimo senhor governador Helder Barbalho. Por favor, venha falar conosco.



Edilza Fontes: Boa noite. Eu só tenho a agradecer o convite, pelo Governo do Estado, na medida do possível, esse seminário estar em Belém, ser uma das capitais. Demonstra a importância também de como, hoje, o Norte e o nosso estado têm um olhar diferenciado dentro dos produtores culturais e dentro do próprio Ministério.

Então, eu quero dizer que eu me sinto muito honrada de estar aqui nessa discussão sobre o legado da Lélia Gonzalez, porque ela foi uma pessoa muito importante pro movimento feminista no Brasil, por ter tensionado, discutido a importância de se fazer um movimento diferenciado; um movimento que visibilizasse as experiências dessas mulheres negras, que estavam, num certo sentido, invisibilizadas nessa discussão do feminismo, que centrava a sua discussão numa classe média branca e que pautava muito a discussão no voto, na conquista do voto feminino, invisibilizando as diferenças sociais entre esse ser que é múltiplo, o que é ser mulher.

Então, acho que Lélia também foi muito importante pra avançar nas discussões acadêmicas, pra debater a necessidade e construir epistemologias, e construir conceitos que dessem conta dessa visibilidade dessa mulher negra, além que foi pra

E eu, como secretária, quero dizer que me coloco à disposição pra fazer novos diálogos, novas apresentações. Nós estamos com uma Conferência Estadual de Igualdade Racial, pautada pelo Ministério. A nossa conferência deverá ocorrer no dia 20 e 21 de agosto. A partir do dia primeiro agora de junho, nós estamos nas rodadas, até 27 de junho, das conferências municipais.

Depois, teremos a nossa conferência estadual, que vai tirar delegados pra conferência nacional, que ocorrerá em setembro, em Brasília. E convido todos vocês a participarem com a gente, a fortalecer esse movimento e fortalecer o legado de Lélia Gonzalez. Obrigada.



Júlia Martins (Mestre de cerimônia): Muito obrigada, secretária. Esse convite pra conferência é muito importante. Que a gente possa ocupar esses espaços!

A gente luta por esses espaços e precisa lutar pra ocupá-los. E, neste momento, nós convidamos também o presidente da Fundação do Banco do Brasil, senhor Kleyton Moraes, para falar.



Kleyton Moraes: Boa noite! Vou pedir, primeiro, desculpas, porque a voz a gente vai conseguir falar o que o coração pede aqui também e o que esse momento significa pra gente, pra todas e todos nós aqui.

Mas antes eu queria saudar aqui, fazer uma perspectiva rápida, e já iniciada pelo nosso companheiro Rubens. Esse projeto Memória, é um projeto que foi... segurado, certo? Vamos usar essa palavra...já que “interrompido” é muito forte, né? Portanto ele foi segurado. Trata-se de um projeto de 2015, que foi segurado como diz o nosso querido professor Nelson Rubens.

Ele se insere numa série de compromissos que a Fundação Banco do Brasil historicamente tem com relação à salvaguarda da memória; esse território tão importante, que a nossa

companheira e, hoje, ministra, Macaé Evaristo, fala no vídeo: O direito à memória.

Então, a Fundação, nesses ciclos de insistências e compromissos com os legados daquelas e daqueles que deram a sua contribuição e que têm presença na construção disso que a gente chama de Brasil está consubstanciado nessa ideia do “Projeto Memória”.

E o “Projeto Memória”, nesse ciclo homenageia grandes personalidades - entre elas, o Almirante Negro, João Candido, Josué de Castro, Lélia Gonzalez, certo? Foi segurado ali em 2015, porque em 2015 a gente já tinha os elementos de um processo de interrupção democrática no nosso

Companheiro Nilson Rodrigues, que hoje, juntamente com a companheira da Associação dos Amigos do Cinema e da Cultura, faz circular esse projeto. Companheira Jurema Batista, que é uma companheira de luta e de construção, forjada na luta juntamente com Lélia. Vereadora por vários mandatos, defendendo esse território tão importante; que é o território afrodiaspórico, das populações em comunidades. E também foi deputada estadual, e concorreu, foi homenageada, também uma deferência superimportante, com o Prêmio Nobel da Paz em 2005.

Também falar aqui do nosso companheiro, filho, mas diretor-presidente também do Instituto Lélia Gonzalez, Rubens Rufino; Que já falou aqui e merece uma salva de palmas.

Então, gente, fazendo menção, menções aqui a essas quatro pessoas de extrema importância pra esse momento. Quero também agradecer o esforço coletivo de todos e todas que se empenham, se empenharam nessa construção... É uma construção muito ampla, que passa por pesquisas, que passa por sistematização, que passa por coordenação, de espaços, de uma estética que tem coerência também com o que a gente propõe no dia de hoje e nos próximos dias.

Queria também saudar aqui a minha amiga, a minha companheira, que tenho a oportunidade de conviver e que aprendi muito, nas caminhadas do movimento sindical, que é a minha origem, né? Movimento sindical bancário. Então, saudar aqui em nome dela, saudar todas as lideranças aqui dos movimentos sociais presentes:

Companheira Vera Paoloni, que é presidenta da Central Única aqui do Pará. Saudar também, igualmente, a companheira Zélia Amador de Deus, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Pará, que nos dá a honra dessa noite, como palestrante mesa. Minha companheira também, Tatiana Oliveira, presidenta do Sindicato dos Bancários e das Bancárias aqui do Pará, uma mulher comprometida, máxima potência com a luta também emancipatória das mulheres. Companheira Márcia Mara, que é representante da Associação dos Ami-

gos do Cinema e da Cultura: A mestre de cerimônia Julia Martins; ao companheiro Luiz Claudio Sales Santos Silva, gerente do escritório do setor público e representante aqui nessa noite também do Banco do Brasil. À companheira Edilza Fontes, que é secretária de Igualdade, né, se pronunciando aqui. Agradecer à secretária a importância da presença. À companheira Vanuza Cardoso, Mediadora, que é liderança espiritual do território do Abacatal e do coletivo da Frente em Defesa dos Territórios.

Então, acho que o “Projeto Memória” nessa edição Lélia Gonzalez, combatendo o sexismo e o racismo, de extrema importância, pelo seu alcance... Acho que é importante a gente mencionar isso.

A definição estratégica de chegar em todas as regiões do país, primeiro, pra nesse aspecto nacionalizar o debate, a contribuição e a presença, do legado, do pensamento, das ações e do exemplo de liderança de Lélia Gonzalez. Então, ele percorre todas as regiões. E nesse processo, nesse percurso, buscando celebrar e construir novas narrativas e estratégias pra superação do racismo e do sexismo

porque esse é um grande privilégio - de conhecer a Lélia.

Infelizmente, Lélia morreu cedo, mas Lélia, mesmo no pouco tempo que teve pra viver, Lélia contribuiu pra que esse país repensasse, pra que esse país pudesse ver o quanto ele é racista. Então, Lélia deixou obras. Lélia contribuiu de muitas formas, inclusive não só ajudando a gente a construir conceitos, mas criando - e esse é uma coisa importantíssima pra mim. Criando palavras. Utilizando a própria língua portuguesa, que possui um sistema intrínseco de racismo linguístico. Lélia utilizou essa própria língua pra falar de nós.

É Lélia quem traz pra cena a noção de amefricanidade. Amefricanidade tem uma importância grande, porque dá dimensão da transnacionalidade do movimento negro.

O movimento negro não tá isolado. Ele não tá sozinho, preso dentro do território brasileiro. O movimento negro, essa luta antirracista, é uma luta transnacional da mesma forma que a luta antissexista.

Então, a transnacionalidade... e isso a Lélia, ela foi mestre em trazer pro nosso meio essa noção de transnacionalidade do movimento negro e do movimento antissexista. Então, amefricanidade eu digo que é um conceito importantíssimo pra nós nessa luta, pra mostrar que nós lutamos transnacionalmente e que há um diálogo entre a luta nacional e a luta transnacional.

Eu considero a amefricanidade um dos grandes conceitos criados por Lélia. Por isso, eu digo: Lélia tá aqui conosco. Lélia continua na luta. E se não fosse pela amefricanidade e por outros conceitos que Lélia criou pra nos ajudar a nos entender como pessoas negras nessa sociedade hostil, pra nos ajudar a nos entender como mulheres negras nessa sociedade hostil... mulheres negras que, a gente dizia naquele momento, mulheres negras que são atravessadas pela discriminação de gênero, pela discriminação de classe e pela discriminação... gênero, classe e raça. Atravessadas por essa tríade.

A gente dizia, naquele momento de Lélia, que nós éramos

atravessadas por essa tríade muito perigosa de discriminação. E essa tríade é que nos colocava e que ainda nos coloca no estamento mais baixo da sociedade.

Então, Lélia nos ajudou a enxergar tudo isso, além de Lélia ter mostrado que o caminho, o caminho são as mulheres negras participarem da luta antissexista não apenas no mundo branco, mas que as mulheres negras precisavam criar os seus espaços de feminismo negro.

Que o feminismo negro ia receber essa mulher atravessada por essa que a gente, naquele momento, chamava de tripla discriminação, e que hoje a gente chama... que é as interseções, tá?

As mulheres negras são atravessadas por diversas discriminações que se interseccionam e que tornam essa mulher muito mais vulner

ralelo. Por quê? Pra mim, não existia racismo. Pra mim, o negro não chegava em algum lugar porque ele não queria. Ou seja, o negro... e aí, tipo assim, só sobrava eu, porque eu era a primeira preta da sala, eu era a primeira preta da universidade, eu era a primeira... e eu ia ficar o quê? Isolada e sozinha. Neurótica, né? Isso ia gerar uma... se eu não encontro Lélia... tava pensando isso aqui hoje.

Falei: “gente, se eu não encontrasse Lélia Gonzalez, eu acho que eu era uma das pessoas candidatas a estar no CAPS hoje, pra cuidar da saúde mental”, porque o racismo faz isso. Ele te coloca como uma coisa, como menor, uma pessoa inferior. E foi isso que Lélia trouxe pra mim. “Ô Jurema”, “ô negadinha”, “ô neguinha, para de graça”. Ela tinha uma forma tão carinhosa de falar. “Para de graça”. Eu dizia que eu era feia. “Ah, mas eu sou feia”, né? Aí depois eu vejo a foto, minha foto, e uma foto da minha filha que todo mundo diz que é linda, eu falei: “pô, eu era assim?”. Ainda pergunto isso. “Eu era assim?”. Eu pergunto isso hoje. “Bonita como Dandara? Como assim?”, né? Que todo mundo diz que ela é a coisa mais linda que existe. Mas eu me achava feia. E daí, por isso que eu usava a tal da peruca..... E eu até falo hoje, né? Que não era lace, eu usava peruca mesmo. Que a lace tem toda uma forma de colocar que é diferente, né? Tudo bem que não é um cabelo natural, mas é uma outra coisa. A peruca, não. Colocava aquilo no cabelo, escondia o meu cabelo todo embaixo. Se alguém arrancasse a peruca, tava brabo, né?

Então, isso era uma coisa, assim, que minava... assim, o mais difícil pra nós: minava o ser humano. A gente não era ser humano. A gente era uma coisa. Que tem tudo a ver com a história da escravidão. Que era o negro que era colocado, né, em algum lugar pra ser olhado pelo senhor, pra ver como é que tava o dente, pra ver como é que tava a pele, pra ver se tinha problema de pele. Enfim. Esse era uma coisa na prateleira para ser escolhido.

E isso, o racismo... isso foi a escravidão, que já era o racismo, né? Era uma ideia de que existia uma raça superior à outra, e

que essa raça superior poderia colocar como... subjugar aquela outra, que não era pessoa. Tanto que não era pessoa que não tinha nem alma, né? E quando tinha alma, era o preto de alma branca.

E aí, eu falei: “gente...”. Enquanto ela tava falando aqui, veio esse insight. Falei: “caramba, se eu não tivesse conhecido a Lélia, eu ia surtar”. Porque eu era muito inteligente, não sei o que, mas eu era preta. “Mas”, não. Sou preta. Né?

E como é

taram. Professoras, sociólogas. Tem uma que, inclusive, que criou conosco. Não sei se Rubens se lembra da Mira. Ela sumiu. A gente não sabe onde ela foi parar. Já procuramos na internet. Sumiu a Mira. Sabe? Outras pessoas que entraram no alcoolismo pesado, que eram muito inteligentes, mulheres, homens, sumiram. E eu já vinha pensando de longe sobre isso, sobre saúde mental da população negra.

Eu era assim, candidata a surtar, porque não tinha como conviver com esse olhar - que eu aprendi com Lélia - do que é Brasil, viver bem, achar que só eu podia ter as coisas; que só eu podia ser vereadora três vezes; que só eu podia ser a primeira deputada negra. Só eu? Cadê meus pares? Cadê minha família? Que a maioria não tem nível médio.

Eu sou a primeira pessoa da minha família a ter nível superior. Por quê? Eles eram burros? Não era. A escola não tava preparada pra receber aquela população negra que, inclusive, era do Morro do Andaraí, de onde eu nasci e me criei. Era uma coisa muito perversa, né?

A sociedade, eu vi numa pesquisa, quando fizeram uma pesquisa com crianças negras e brancas, e foi dito pelos professores sobre cada um. Os brancos, crianças brancas, os professores diziam: “vai ser médico”, “vai ser doutor”, “vai ser...”.

E as crianças negras, os professores diziam: “vai ser gari”, “vai ser empregada doméstica”. Então, o próprio professor - quem é da educação, sabe - já esperava daquele aluno que ele não fosse muito longe. Então, o que você espera do aluno é o que você incentiva naquele aluno.

Então, foi isso que Lélia fez. Ela foi fazendo meio que um trabalho de formiguinha. Eu fui ganha nesse trabalho, que ela foi na universidade falar e eu fui ganha pro projeto - no início, com muita resistência, porque eram muitos anos na minha cabeça de democracia racial. E depois, né, que foi passando o tempo, aí eu fui entendendo, fui entendendo.

Aí quando eu digo que eu passei a segui-la fisicamente, onde ela ia, eu ia atrás; todo lugar que ela tava, eu tava. “Ela tá na

UERJ”, eu vou. “Tá na PUC, eu vou. “Tá na ABI, eu vou. Onde eu sabia que Lélia tava, eu era a primeira a sentar na fila pra beber, literalmente beber do que ela falava. E a Elizabeth Viana também, que também fez esse caminho. Eu acho que eu fiz mais, porque eu era mais novinha mesmo também, e eu fiquei muito assustada, na verdade.

O que aconteceu é que eu fiquei muito assustada quando eu descobri o que era o racismo no Brasil. E a partir daí, né, eu me tornei uma outra pessoa. Virou a chave. assim. Eu falei: “o quê

Realização:



Parceria:



**PROJETO
MEMÓRIA**

LÉLIA Gonzalez

**Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas**



www.projetoleliagonzalez.com.br

Acompanhe o Projeto Memória nas Redes Sociais:



@pm_eliagonzalez



@pm_eliagonzalez



pm_eliagonzalez